

INSTITUTO  
  
 SOCIOAMBIENTAL  
**Documentação**  
 JT  
 Fonte \_\_\_\_\_  
 Data 22/1/2002 Pg 43  
 Class. 851

## A semente de uma boa idéia

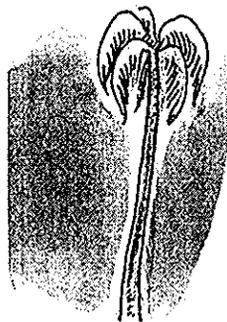
A Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo acaba de aderir a um projeto que pode pôr fim a uma guerra multicentenária que vem empobrecendo os remanescentes de Mata Atlântica em São Paulo. Ela assinou um termo de compromisso com a Associação de Moradores do Bairro do Rio Preto em Sete Barras, Vale do Ribeira, que pode levar à recuperação dos estoques da palmeira-juçara, da qual se extrai o palmito, de alto valor comercial.

O preço pago no mercado clandestino tem incentivado uma atividade extrativa predatória, que levou à extinção da palmeira-juçara – considerada fundamental para a sobrevivência de primatas, roedores, araras, papagaios e tucanos – em toda a Mata Atlântica. Fora dos parques estaduais Intervales e Carlos Botelho não há mais palmito e isso tem aumentado a pressão dos palmiteiros também sobre as áreas de preservação. Nos últimos anos, foram registrados inúmeros confrontos – até com mortes – entre palmiteiros e guardas dos parques. A situação só tende a se agravar e poderá ficar insustentável se não for tomada alguma providência que não seja o mero patrulhamento para evitar o corte das palmeiras preservadas, ação que se mostra cada vez mais difícil de ser realizada pela falta de condições de evitar a invasão dos parques: calcula-se que somente na região de Sete Barras o corte clandestino de palmito é responsável pelo sustento de 2 mil pessoas.

O veterinário Marcos Malta Migliano, que desenvolve um plano de manejo sustentado da palmeira-juçara naquela área, teve a idéia de transferir a atenção dos palmiteiros da árvore do palmito para os seus frutos, dos quais se pode produzir um suco semelhante ao do açai (palmeira típica da Região Amazônica), vendido com sucesso nas metrópoles do Sudeste.

A idéia do pesquisador, encampada pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente, com parceria do Instituto Florestal e da Fundação Florestal, é engenhosa por respeitar o natural objetivo de lucro da atividade. Em experimentos, ele obteve um rendimento de 5 litros

de suco pronto para beber a cada 3,4 quilos de sementes. Com base nesses dados, ele chegou à conclusão de que na nova atividade e colhendo apenas metade das sementes produzidas por cada árvore – ficando as demais para a fauna – o palmiteiro poderá ganhar 10 vezes mais, em média, do que ganha vendendo os palmitos, sem precisar cortar a palmeira. Ao contrário, a probabilidade é de que ele passe a preservá-la. E, além disso, depois de despulpadas, as sementes usadas para suco ainda podem ser plantadas.



**O incentivo ao processo que pode acabar com a exploração predatória de palmito em SP merece toda a atenção do governo**

Trata-se de uma maneira prática de pôr a ganância a serviço da conservação da natureza que, por ir ao encontro das necessidades e dos interesses do *Homo economicus*, tem tudo para dar certo. Ela só requer um certo investimento do governo no início, por causa da escassez de palmeiras em idade de gerar sementes remanescentes na Mata Atlântica paulista. Nenhum projeto ambiental do Estado justifica tanto um investimento, entretanto, quanto esse trabalho que – a baixo custo – pode levar à perenização da palmeira-juçara, elo essencial da cadeia alimentar na Mata Atlântica, e encerrar para sempre a guerra, que tanto ameaça a biodiversidade nesse sistema, entre o homem e ela.